

# A Ortiga.

Sou herba bem conhecida,  
Nas folhas trago a peçonha  
Capaz de tornar vermelha  
A cara mais sem vergonha.

Publica-se, por ora, indeterminadamente, e vende-se nas lojas dos Srs. Laemmer, rua da Quitanda n. 77, rua do Ouvidor n. 152, d'Ajuda u. 25, e na praça da Constituição n. 44, e 64, Loja da typographia Imparcial de Brito, impressor e editor deste jornal.

## O HOMEM DO SECULO.

• Le premier devoir d'un prince est de  
• vouloir ce que veut le peuple: C'est en  
• vain que les vieilles aristocraties multi-  
• plieront leurs efforts pour s'opposer que  
• la régénération moderne s'accomplisse!

Napoléon em Santa Helena.

Em o nosso artigo publicado no n.º 17 da Ortiga sustentámos huma idéa contraria á que apparecêra na mesma folha, tendente á provar a necessidade de se chamar o Imperador á occupar o posto, para o qual a Constituição O chama na idade de 18 annos. Nós dissemos, que não se deve temer republicanismo, porque não ha republicanos; que o Imperador não tem a necessaria instrucção, e criterio para poder decidir dos negocios publicos; para discernir o falso do verdadeiro; que não tem experiencia, conhecimento e pratica das cousas; que lhe falta a madureza, e a necessaria prudencia do estadista, que se colloca á testa do governo de hum Paiz; que ainda não tem costumes, moral, typo, e carecter de nação: e que tudo iria para peor, porque seriam os mesmos homens, ou outros como elles, que seriam chamados para dirigir os negocios, e que tudo recairia sobre o innocente Imperador: e que esta precipi-

tação de maioridade ia comprometter a existencia da Monarchia. Não estamos convencido que o illustre adversario, que na mesma folha combate as nossas opiniões, tenha destruido a força de nossos raciocinios, e que tenha negado com logica as nossas proposições. Se o nosso fim fosse o de afastar o governo do Imperador, por sermos republicanos, como disse o autor do artigo que nós combatemos a primeira vez pois avançou, que os que se oppunhão á maioridade, he porque erão republicanos, então longe de destruir essa idéa, nós a favoreceriamos, e ajudariamos o nosso honrado adversario, pois que estamos mais que convencidos, que quem quizer a Republica com brevidade, occelere a maioridade do nosso Augusto Imperador. Nós sabemos melhor que ninguem, que não são essas as vistas do nosso adversario; nós temos conhecimento de seus nobres sentimentos, e do amor, que tem á Monarchia, e particularmente á S. M. I. e ás suas Augustas Irmãs; mas podemos asseverar-lhe, que sem o querer, elle auxilia innocentemente a causa dos inimigos da Monarchia, que convem dizer que não são republicanos, porque, tornamos á repetir, não os ha no Brasil, e talvez em todo o mundo;

mas huns poucos de ambiciosos Oligarchas, que aspirão concentrar a força publica em suas mãos, nas de seus parentes e amigos, e governar-nos á maneira do Norte America, onde, me levem os diabos, se ha liberdade, e menos igualdade, e essa apregoada philantropia de *periodicos, e brochuras*, com que se embelão os espiritos, que se não occupão em estudar as instituições, leis, e regimen interior de hum tal Paiz. Huma nação, que faz leis para punir com severidade os que ensinarem á ler e a escrever á *gênto do côr*; huma nação que tolera que se arranque dos laços de Hymineo hum homem e o levem em procissão e o assem á fogo lento, por estar em huma Igreja catholica dando a mão de esposo á huma mulher, que tinha a pelle mais alva do que a delle; não he certamente huma nação republicana, tal qual nós concebemos em theoria!

Muita gente inimiga da liberdade, avessa ás instituições modernas, e aferradas ás velhas e balofas oristacracias; não vê por toda a parte, senão republicanos, aterrada com este fantasma, ou antes fingindo aterrar-se, aproveita-se do amor, que alguns bons patriotas tem á pessoa do Imperador, une-se com elles, e os excita á proclamar a maioridade do Monarcha: e os Oligarchas, que são mais finos, do que todos, auxilião a maioridade, porque conhecem que he o meio de precipitar o Throno. E os verdadeiros Monarchistas Constitucionaes, amigos da aristocracia do MERITO unica compativel com a razão, e com o bom senso; em lugar de gritar que o Throno está perdido, que a democracia invade tudo, que a republica está batendo as portas; digão antes: se existio ja mais occasião mais propicia para fazer em fim arrebentar esse espirito democratico; foi seguramente á da abdicação: que esteve nessa grande crise

preso o Throno? onde estava sua força? quem o protegia contra o espirito democratico, se elle tivesse existido? quem podia impedir os republicanos de surgir do meio do seus fragmentos? e com tudo o que acontecco? proferio se huma só palavra de deprecição para a realeza ou de ameaça contra os titulares? notou-se, se quer, huma apparencia, huma tendencia, huma côr de republica? de que linguagem se servio para o Imperador, que subtracção se fez ás homenagens, que lhe erão devidas? Os factos provão o contrario, e dão o direito de negar a existencia desse espirito democratico.

He preciso que nos entendamos e que sejamos justos. Negar os factos, quando elles contrarião nossos systemas, ou as consequencias destes factos, quando se não pode negar a existencia do facto mesmo; he declarar que toda a discussão bazeada sobre a razão he impossivel: Não vemos pois em parte alguma esse espirito democratico, de que se não cessa de fallar: se elle não se desenvolveo na epoca da declaração da Independencia, na da dissolução da Constituinte, e na da abdicação, quando se desenvolverá? Quando entregarem o Imperio á huma creança. A palavra ordem partida de hum extremo da cadêa a segue em toda sua extensão com o multiplicado ribombo de hum numero infinito de vozes, que repetem o que tem dictado o interesse da Patria. Não dizemos, segundo o que nos dicta a razão, que não existem absolutamente republicanos: na infinita variedade das inclinações, dos caracteres, e dos espiritos, que se fazem remaçar entre os homens; quem pode responder que se não encontrará alguem, que por vinte razões diversas será levado para hum systema de governo antes, do que para outro, para a republica antes, do que para a Monarchia? a escolha he livre: pode ser que Roma encerre hereticos em seu seio;

pode ser que nos Estados-Unidos formiguem realistas: e com tudo o Vaticano, e o Capitalio de Washington, estão em pé. O que valem alguns individuos, o que podem elles? O que são elles ao pé de massas?

Mas dir-se-há—e a Republica não he possível? e nós responderemos: o que he que não he possível? quantas cousas não tem existido, e que podem existir? Somos nós responsáveis do que não ha, e do que pode haver? Galante maneira de raciocinar he a de concluir do que não he para o que pode ser; do nada para a existencia! toda a questão se cifra nestas palavras: *conduza-se a Realza de modo que não faça pensar em Republica: não desespere o governo o povo, e o obrigue em nome do Imperador á lançar-se na Republica!*

Não se teve fallar, senão nos perigos da Dymnastia reinante; e nós nunca a vimos mais segura; e por isso diremos altamente que se não quer Republica, mas sim a ordem constitucionalmente monarchica. Se se organizar hum partido, que procure destruir a monarchia constitucional, para substitui-la pela monarchia da sciencia certa e poder absoluto, e ganhar força: nós iremos com as lagrimas nos olhos alistarmo-nos nas fileiras da Democracia, e gritar: *Antes de tudo a Liberdade, antes de tudo a igualdade, antes de tudo a dignidade do homem!!* Irems antes para o tumulto, do que para o tumulo, estando vivo!...

Passemos agora á entrar na analyse de alguns pontos do artigo, que combatte as nossas idéas, e vejamos se o nosso illustre adversario para sustentar os seus principios, firmou-se em hazes por tal modo solidas, que possa de huma vez fazer-nos recuar: e então notaremos que para chegar ao fim, á que se propoz, elle imagina o paiz organizado de modo, que teriamos antes huma Dictadura no corpo Legislativo,

ou huma convenção nacional, do que huma Constituição, que estabelece a divisão dos poderes, sua independencia huns dos outros, e a harmonia, que deve existir entre todos para bom andamento da machina social.

«Não he ao chefe de hum estado constituido, como o Brasil, diz o nosso adversario, que toca a decisão dos Negocios publicos. Sua influencia na administração só deve fazer-se sentir pela nomeação ou demissão de seus Ministros, á quem a Lei attribue os actos dos Poderes Executivo, e Moderador.» Cada linha, cada palavra, de que se compõe estes periodos, são outras tantas blasfemias contra o nosso Pacto fundamental, e contra todos os principios constitucionaes; e sem que recorramos á autoridade de publicista algum, vejamos o que diz a Constituição. Art. 98. «O Poder moderador he a chave de toda organização Politica, e he delegado privativamente ao Imperador, como Chefe Supremo da Nação, e seu Primeiro Representante, para que incessantemente velle sobre a manutenção da Independencia, equilibrio, e harmonia dos mais Poderes Politicos. Art. 101. » O Imperador exerce (privativamente, id est, só) o Poder moderador: nomeando os Senadores: convocando a Assembléa Geral: sancionando os Decretos, e Resolução da Assembléa Geral, para que tenham força de Lei: prorogando, ou adiando a Assembléa Geral, e dissolvendo a Camara dos Deputados: nomeando e demittindo livremente os Ministros d'Estado: suspendendo os Magistrados: perdoando ou minorando as penas impostas aos réos coadernados por sentença: concedendo amnistia etc. » Ora se o Imperador he o Chefe do estado; si elle, sem nenhuma responsabilidade de seus ministros, exerce todas estas grandes attribuições; como não lhe toca a decisão dos negocios publicos? qual he o negoció publico, ou quaes são os actos

dos Poderes politicos, que não dependam mediata, ou immediatamente do Imperador? Pois aquelle, que exerce, elle só, tanto poder, he hum authomato, à quem só atribue o nosso adversario o poder de nomear e demittir ministros: e ainda esse poder, ou essa mesma influencia, como diz nosso adversario, não deve ser dirigida pelas suas opiniões mais ou menos illustradas, pelo voto da maioria legislativa? E quererá o nosso adversario destruir a Constituição, annullar o Imperador á ponto de ter tal ou tal ministerio, segundo a influencia legislativa? Ora nós não esperavamos que semelhante idéa proviesse de hum amigo da Constituição!..... Quererá o nosso adversario que o corpo legislativo se converta em huma convenção nacional, e que o Imperador e seus Ministros representem hum Directorio? Nós fazemos mais justiça ao nosso adversario, do que elle se fez á si mesmo. Pelo só facto da inviolabilidade do Imperador, e da responsabilidade dos Ministros; pelo só facto da irresponsabilidade dos outros poderes do Estado: era necessario que houvesse entre todos os poderes hum poder forte, que equilibrasse as acções dos outros, e os harmonisasse de modo, que a machina social se conservasse na precisa estabilidade, da qual só podem vir os bens, que as necessidades publicas exigem dos poderes sociaes. Se os mesmos ministros, que formão hum outro poder, o Poder executivo, tem huma acção propria, e independente dos outros poderes, pois que seria hum perfeito absurdo, que elles se tornassem responsaveis por actos emanados de outros poderes, e se constituissem agentes cegos, e passivos, sujeitos á huma injusta responsabilidade: como se poderia tolerar que aquelle, á quem a nação tem iverido de tanta força, se contituisse o palhaço dos outros poderes do Estado? Pelo contrario a Constituição mui sabiamente delegou

ao Imperador nobres, bellas, e sublimes prerogativas! A' Elle pertence esse direito de perdoar, direito de huma natureza quasi divina, que repara os erros da justiça humana, ou suas severidades inflexiveis, que são erros tambem: á Elle pertence o direito de investir os cidadãos distinctos de huma illustração duravel, collocando-os nesta magistratura vitalicia, que reune o brilho do passado á solemnidade das mais altas funcções politicas: á Elle pertence o direito de nomear os órgãos das Leis, e de segurar á sociedade o goso da ordem publica, e á innocencia a seguridade: á Elle pertence o poder de dissolver a camara dos Deputados, e de preservar assim a nação dos desvarios de seus mandatarios, chamando-os á nova escolha: á Elle pertence a nomeação dos ministros, nomeação, que dirige para o Monarcha o reconhecimento nacional, quando os ministros cumprem dignamente a missão, que lhes foi confiada: á Elle pertence em fim a distribuição das graças, dos favores, das recompensas, a prerogativa de pagar com hum olhar ou com huma palavra os serviços feitos ao Estado, prerogativa, que dá á monarchia hum thesouro de opinião inexgotavel. Eis aqui certamente huma vasta carreira, respeitaveis attribuições, huma grande, e nobre missão!

E dirá agora o nosse adversario em sua consciencia que o nosso Joven Imperador com o pouco, que sabe, sem nenhuma experiencia, sem nenhuma pratica e uso do mundo, está apto para exercer as attribuições, que a Constituição confere á Elle só? Não seria este o meio dos ministros abuzarem da sua innocencia, e inexperiencia, e acobertar-se com a inviolabilidade do Monarcha para salvar-se da responsabilidade, de que se tornarião passivos, se elles tivessem de exercer commulativamente as attribuições do poder moderador e executivo?

• Toda a influencia, que não esta (a de nomear, e demittir ministros) que o Chefe do Estado exerça; todo o director dessa influencia que não seja o voto legislativo, são entidades illegaes, destruidoras da lei fundamental, e que só podem nascer da ignorancia e pleno desconhecimento das instituições, ou de hum espirito de usurpação e tyrannia. Assim continúa á exprimir-se o nosso illustre adversario; as reflexões, que acabamos de fazer sobre outro topico, que contém a mesma ideia, nos dispensão de refutar este periodo: digamos somente que a ignorancia e plena desconhecimento das instituições ou de hum espirito de usurpação ou tyrannia podem admittir ideas excentricas da Constituição do Estado, que define cada hum dos poderes, marca, e limita as attribuições de cada hum. Todo o resto do periodo, que refutamos, occupa-se sempre desse falso principio, que fica destruido pela propria Constituição e pelos nossos argumentos, restando-nos d'elle á combatter o aresto, que nos traz, das governantes de Portugal, e Inglaterra.

Para que este exemplo trazido pelo nosso adversario podesse servir para o nosso caso, seria preciso provar que a organização social no Brasil e na Inglaterra, no Brasil, e Portugal era inteiramente a mesma, e que as tres nações particularmente o Brasil, tem o mesmo character, a mesma indole, o mesmo habito de obediencias ás leis e authoridades constituídas, o mesmo respeito ás formas, aos costumes, que são respeitados, como lei &c. Porem querer que hum paiz novo, cujas instituições ainda não tem a veneração do povo; onde não ha costumes proprios, huma moral publica, huma religião venerada, hum espirito de obediencia, hum respeito religioso para o Monarcha como, existe nesses paizes, principalmente em Inglaterra, onde se se pronuncia casualmente a palavra—Rei—todos se levam

tão, e exclamão: «Deos salve o Rei!» he querer o impossivel: e pretender achar paridades entre elles, he o mesmo que dizer, que hum Portuguez, hum Brasileiro, e hum Inglez nenhuma differença fazem entre si.

De mais, a dissolução, que se opera na sociedade, o abalo de todas as crenças, a indifferença das virtudes, a insufficiencia das leis, a negação de todos os principios, huma moral adultera, gerada pelo sophisma, tantas e tão graves desordens do espirito e do coraçao não podem ser destruidos, ou parados senão por grandes exemplos. A moral he vã em preceitos, ella não persuade, senão em acção. Não he mais na força e no soccorro das Leis que os Reis se devem appoiar. Não he mais por ellas que os laços sociaes se firmarão. Ellas se tem tornado hum flagello por seu numero, e sua mobilidade; e tem por isso perdido sua autoridade. A Religião vê murchar a sua; a da familia está, ha muito extincta; a politica não tem nenhuma, está mui manchada para ser digna della. Não resta aos Reis, senão a autoridade do exemplo, e ella he bem poderosa! He outra *ultima ratio*, não gravada sobre seus canhões, mas sobre sua fronte e sua coroa. A salvação da Sociedade está ainda em suas mãos. Nós o proclamamos em face de todas as desordens; hum novo mundo moral está todo inteiro no exemplo. *Obsequium in principem, et emutandi amor, validior quam pœna et legibus et metus.*

Se pois o exemplo pode mais, que o preceito, se elle tem mais força, que as Leis, como o poderá dar huma creança, que ainda carece de Mentor que ainda não sabe o que he governar, nem mesmo em theoria? (*Continuar-se-ha.*)

Teima o illustrado Homem do Seculo em combater a nossa opinião, sobre a necessidade de S. M.

o I., ser já declarado Maior, e collocado á frente da administração; e nós, á vista do que dissemos nos ns. 15 e 17 da nossa folha, deixariamos passar *são e salvo* o longo artigo, que agora publicamos, se elle não se achasse nas columnas da *Ortiga*, folha que se dedica a mostrar a conveniencia daquella medida. Para unirmos porein a brevidade á reputação daquelle artigo, só trataremos das proposições principaes em duas demonstrações o illustrado Homem do Seculo prolixamente se espraion.

1.º Repete o illustrado adversario o mesmo que já disse no n. 17 da nossa folha: isto he—que no Brasil, e em parte nenhuma do mundo ha Republicanos—Já respondemos a esta proposição; portanto nada mais ajuntaremos, e só, pelo que toca ao Brasil, appellamos para os nossos leitores, que decidão qual de nós, se o Homem do Seculo, ou o Redactor da *Ortiga* he que procura occultar-lhes a verdade. Pelo que pertence a outros paizes, á resposta que já demos, ajuntaremos, que todas as Instituições humanas se resentem da imperfeição inherente ao homem e por isto aquelle que quer utopias, nada quer.

Bem que a estas poucas palavras limitemos a nossa resposta á 1.ª proposição; não deixaremos com tudo no tinteiro a resposta á falsa imputação, que o Homem do Seculo nos irroga, de o havermos taxado de Republicano. He na verdade bem lamentavel que hum tão illustrado escriptor recorra a tão falsas imputações, e altere as expressões do seu adversario, a ponto de asseverar que nós havemos dito—que os que se

oppunhão á maioria, he porque erão Republicanos!!—Leão-se os nossos artigos: em nenhuma parte tal proposição se encontrará. Nós desculpamos taes inexactidões, que de certo não nascem de premeditados fins criminosos; mas quem as notar; quem vir o afan com que o Homem do Seculo procura demonstrar a *não existencia de Republicanos*, hão sendo esta a questão que se trata, não poderá suspeitar de suas intenções, se não conhecer, como nós conhecemos, quão monarchico-constitucionaes são os principios do nosso adversario?

Dissemos nos citados ns. 15 e 17 que não erão os Republicanos democratas, mas os Aristocratas que punhão a monarchia do Brasil em perigo; e o Sr. Carlos Carneiro justificou nossos juizes propondo na Assembleia Legislativa de S. Paulo que, *só os Aristocratas occupem os cargos Publicos, e que destes sejam excluidos os plebeos, de diversas cores*. Que ha nisto que obrigue o Homem do Seculo a gastar tantas palavras para mostrar que não ha Republicanos democratas no Brasil, nos Estados Unidos do Norte, e nem em parte alguma do mundo? Deos nos dê paciencia!.. Passemos á 2.ª proposição.

2.ª Para refutarmos a opinião do Homem do Seculo, que julga a S. M. o I. incapaz de ser collocado á frente do Governo, dissemos no n. 17—*Não he ao Chefe de hum Estado constituido como o Brasil, que toca a decisã dos negocios publicos. Sua influencia na Administração só deve fazer-se sentir pela nomeação ou demissão de seus ministros, a quem a Lei attribue os actos dos Po-*

deres executivo, e moderador. Essa mesma influencia não deve ser dirigida por suas opiniões mais, ou menos illustradas; mas pelo voto da maioria Legislativa &c., — e para combater estas ideias, o Homem do Seculo agora não duvida lançar-se no profundo e lato pelago das questões do direito Publico interno, depois de haver copiado o capitulo 1.º do titulo 5.º da Lei Fundamental.

Não julgamos huma Folha, e Folha tão limitada como a nossa, assás propria para nella se ventilem questões de tanta magnitude; por isto, em abono de nossa doutrina, que o illustrado adversario taxa de blasfemias, só nos limitaremos a transcrever a opinião de hum bem conhecido, e distincto Publicista, cujo nome he venerado por todos os Monarchistas do mundo. *Le ministere*, diz o tal Representante das ideias monarchicas, *dans l'ordre constitutionnel est le gouvernement. La Puissance Royale* (chamado na nossa constituição poder moderador) *appartient toute entiere au monarque; mais l'exercice du pouvoir est remis tout entier au ministere.... Ainsi dans un vrai systeme constitutionnel, la volonté du monarque n'est rien sans son conseil; il n'y* (repare bem o Homem do seculo) *exerce son pouvoir que par le choix qu'il fait de ces ministres.....* Tal he a doutrina dos verdadeiros monarchistas constitucionaes, que, para divinizar o supremo chefe do estado, o collocão a cima da mesma responsabilidade moral, a que necessariamente ficaria sujeito, se os poderes que nelle são delegados, por elle fossem exercidos: tal a doutrina da nossa

constituição, que delegando *privativamente* ao Imperante o poder moderador; quando trata do exercicio deste poder, não ajunta (como por engano diz o illustrado Homem do seculo) o adverbio *privativamente* ás palavras de que se compõe o Artigo 101.

Si a doutrina do nosso adversario fosse admittida, a quantos perigos a prosperidade do Brasil não estaria exposta!.... Quem com tal doutrina poderia contar com a estabilidade do throno? Lancemos as vistas para a historia, nossa, e estranha, e veremos que, se as anti-monarchico-constitucionaes doutrinas, que o illustrado Homem do Seculo, nesta parte sustenta, fossem substituidas pelas verdadeiras, e nossas, Carlos X não morreria banido, nem o Augusto Fundador do Brasilico Imperio seria victima dos erros e crimes de seos ministros!!...

Não podendo dar, em nossa folha, a esta materia o desenvolvimento de que he digna; muito desejaríamos que o illustrado Homem do Seculo, em alguma obra conveniente, nos proporcionasse a occasião de refutarmos seos erros a tal respeito, e de lhe mostrarmos que nossas ideias são ortodoxas, e não merecedoras do epitheto de blasfemias. No em quanto porein, não deixaremos de lhe ponderar, que não concebemos o como o poder Legislativo do Brasil, organizado como he, possa converter-se em *Convenção Nacional*. Passemos a ultima parte.

3.º Conclue o nosso adversario o seo artigo interpellando a nossa consciencia sobre a capacidade de

S. M. o I., para ser collocado á frente do governo. Agora, como sempre, diremos o que ella nos dita, isto he, que S. M. I. está plenamente habilitado, para occupar o lugar, a que no caso ordinario a lei o chama, aos 18 annos. Quantos Imperantes, e mesmo dos que reuñem em sua mão, e por si exercem a plena soberania, não existem, que, apesar de terem mais annos, estão muito abaixo do nosso Augusto Imperador, não só em illustração, como em juizo, e prudencia!!...

Si o Brasil gozasse a ventura de ter á frente do seu governo huma pessoa Imperial, que fizesse calar as ambições: se mesmo huma aristocracia, ainda que tirada do pó, não existisse, e não procurasse radicar-se, e estabelecer o terrivel despotismo, e governo republicano, que opprimio Venesa; ou se, como alguns dizem que procura, essa horda infernal não procurasse constituir-se á maneira da aristocracia Russiana, que escravisa o povo, e estrangula os Czars, então mal não viria ao paiz de se esperar o complemento da idade, que, para o caso ordinario, a lei estabelece. Quando porem os Aristocratas Republicanos do Sr. Carlos Carneiro tão afoutamente afrontão as Instituições Patrias: quando o Imperio se acha submettido a huma Regencia feminina, que nos degrada, e avilta; a huma Regencia que nos apresenta em todo o mundo civilizado como *Ilotes* ou *Parids*; a huma Regencia do *compadresco*, da camaradagem, da molleza, e da completa degradação da honra Brasileira, como o illustrado Homem

do Seculo, á paginas 3 do n. 17 da nossa folha, caracterizou a actual Regencia do Sr. Pedro de Araujo Lima; Regencia, que por estes motivos o mesmo nosso adversario *deseja ver* aniquillada; não he evidentissima a necessidade de ser já, e já collocada á frente do Governo huma Pessoa Imperial?

Dirá talvez o illustrado Homem do Seculo — ali está a Augusta Princeza Imperial, a Sra. D. Jannaria, a quem Regencia pertence desde 11 de Março passado. Convimos; e até avançamos que desde esse feliz dia em diante o actual Regente conserva attribuições, e direitos, pelo menos, duvidosos; porem, alem das razões que demos no n. 15 em favor da Maioridade de S. M. o I., outra existe, que se funda no voto geral. Por todo o Brasil a opinião dominante he em favor da Maioridade de S. M. o I.: todos esperão que o Corpo Legislativo salvará o Paiz, collocando á frente do Governo esse unico garante da Paz, e união Brasileira; he por tanto o voto Nacional que deve reger.

Oxalá que os tramas dos Republicanos Aristocratas não prevaleçam; oxalá que o systema da corrupção, que se emprega não desvaire alguns indigentes, ou vissicarios desses malvados, que tem feito a desgraça do Brasil, e ameação a Imperial familia!!...

A ausencia de trabalhos typographicos, que tem retardado a publicação desta folha athe hoje, tem por isso feito demorar-nos na breve resposta, que era dever nosso dar ao estimavel collega do *Homem do Povo*; pela graciosa per-

gunta que nos faz, por termos deixado de accusar, como aos outros dous Membros do actual gabinete, que supponmos serem os Srs. Galvão, e Lopes Gama, por serem elles os unicos, que merecem as nossas sympathias, como as da mór parte dos Brasileiros: agora porem vamos satisfazel-o.

Antes que mostremos que infundadas são as accusações irrogadas aos dous honraes ministros os Srs. Lopes Gama, e Galvão, preciso he que repitamos o que todos sabem — Somos collaborador de hum jornal da opposição, e não do governo; a outro, que não a nós, cumpre a tarefa de defender os ministros da corôa, ou por convicção propria, ou para não desfructarem em santo ocio os dinheiros que para isso se lhes pague.

De ha muito, desde o tempo mesmo em que hum partido, brasileiro sim, porem imprudente, apedrejon a casa deste honrado Servidor do Estado, o Exm. Sr. Lopes Gama, e com ignal desenfreado investio para espedaçar, como outras, esta typographia, esta mesma typographia, cujos typos tem hoje tanto servido para defender muitos d'aquelles que contra ella se conspirarão; nós, que não somos catavento em politica, que nos não movemos pelo sopro das conveniencias, mas sim pelos principios da nossa intuição, nos temos votado a sustentar com todo o desinteresse, athe d'amizade, por que ainda huma vez se quer nos não encontrámos com S. Ex., a sua honradez, seo patriotismo, e firme adhesão á Constituição e ao Throno. Si não fóra a convicção em que

ainda athe este momento nos achamos, de que são puras as intenções do Sr. Senador Lopes Gama; si elle não merecesse de respeitaveis Amigos nossos o inteiro gráo da mais subida confiança; se nós não tivéssemos visto, que S. Ex. não se lança, como outros, no pelago insundavel dos desperdicios, e que se não deixa arrastrar pelo carro da propria conveniencia, — empregando-se mesmo, e empregando a seos parentes e amigos, sem títulos, sem jús aos empregos; se não tivéssemos empenhado nossos tenues esforços para a elevação de S. Ex. ao Senado, tarefa á que se consagrarão não só habeis escriptores, como cidadãos verdadeiramente amigos da Monarchia; se fosse nossa intenção accusar ministros, só por que são ministros; e não pelos males que elles causão á Patria, certo não nos abalançaríamos hoje a sustentar com a propria voz da opposição, que não achamos, nem no Sr. Lopes Gama, nem no Sr. Galvão, os mesmos defeitos, a mesma falta de sentimentos com que outros abusão de tudo quanto ha de mais nobre, santo, e justo. Ouvindo a voz da imprensa, SS. EE. procurarião não sancionar com acintes algumas das faltas, que por acaso, em lide tão complicada, podessem commetter, (por que a ninguem he dado ter a previdencia ou a certeza dos juizes celestes) mas dar antes as razões que para isso terião, e não fazerem garbo de desprezar essa soberana potencia, que assim como só, e unicamente só, eleva á eminência do Poder, aquelles que merecem suas sympathias, assim também só,

e unicamente só, faz quellas se precipitem de sua elevação e suas grandezas, (vãs chimeras, que nada aproveitam ao homem ante os olhos da Magestade Divina), e vão jazer, como muitos exemplos se nos apresentam, no pó do esquecimento.

Para fazermos opposição, não nos he preciso calumniar ninguém, e assignalar culpas, quando d'ellas não temos o menor indício; não, não he assim que entendemos o dever de sustentar nosso partido, si he que com partidos pode alguma nação viver tranquilla, e marchar ao seo engrandecimento.

Disse-se, que o Sr. Lopes Gama, despachara o Sr. Silva, sob a condição de esposar sua digna filha; que, depois de ministro, comprara por numerosos contos o predio em que mora; que, fraco, entregue ao passatempo do voltarete, não cura dos negocios de sua repartição; que, como o somnambulista não desperta para dar energicas providencias quando a nação vê insultado o seo pavilhão &c. &c. Será isto real? Será isto exacto? Certo que não. Pedida sua illustre filha ha mais de dous annos em casamento, pelo Sr. Silva, esperava-se apenas o ensejo de poder isso realizar-se. E quando assim fosse: não estará o Sr. Silva no caso de desempenhar a missão de que se o encarregou? Quaes são os empregados que temos na diplomacia, com as distinctas habilitações do Sr. Silva? E se algum temos, desmerecerá por ventura diante d'elle o conceito deste distincto Brasileiro? Ninguém, com verdade, nos dirá o contrario. A compra do predio, he accusação tão infundada

como a primeira. Pertencente a herdeiros de Minas, a casa teve de vender-se e outro foi o comprador, como se verá da escriptura, continuando S. Ex. apenas a ser inquilino como era. Desde que foi encarregado da Pasta, S. Ex. se tem privado d'esses passatempos de que fallámos; e longe de entregar-se aos prazeres do somno até alto dia, cedo se levanta e trata de desempenhar deveres a seo cargo, como o attestarão aquelles que o tem procurado.

Si tal não fosse a sua condicção, S. Ex. teria sofrido a mesma accusação que se tem feito a seos collegas, pois—contra factos, não haverião argumentos,—e de S. Ex. a fora este que desfigurado se pinta do apresamento da barca *Rosa*, nenhum outro ha, que tenha sido apresentado ao publico. Com a fé de collaborador opposicionista, nós não pouparemos a S. Ex., se seos actos merecerem a tisoura da accusação. Em quanto não; não. O que dizem, dizem os seos e nossos Amigos, de prohibiçãe a toda prova; e Elles que prezão a amizade de S. Ex., conservando antigas e estreitas relações, sem que todavia estejam no caso de utilisarem-se da importancia do seo Posto, certo ainda não acharão hum só motivo pelo qual o Exm. Sr. Lopes Gama merecesse a sua, e a nossa desafeição. E quando por huma especie de antigo resentimento, havendo o Sr. Lopes Gama calcado todos os fóros da honra e da dignidade, merecesse os apodos da imprensa, ainda nenhuma d'essas infundadas accusações que se lhe faz, seria bastante para fazel-o apparecer marcado com o ferrete da deshonra; pois que S. Ex. nenhuma fortuna

apresenta, saltando ás vistas do cidadão mais miope, extorquida por meios illicitos e reprovados. Todos sabem o que possui o Sr. Lopes Gama; quaes serão os teres e haveres de S. Ex., e quaes são na actualidade.

O que dizemos do Sr. Lopes Gama, serve igualmente para o Exm. Sr. Galvão, digno por tantos titulos da confiança e da estima de todos os Brasileiros.

*Hum Collaborador.*

#### COMMUNICADO.

Desde que a civilisação agitou os alicerces do mundo, tem, sem cessar, dado aos homens meios cada vez mais seguros de aperfeiçoar-se; surprehendendo a natureza no segredo de suas operações, tem desenvolvido o mysterio de seus effeitos; e, como que suguetando-a, por assim dizer, ás regras, a tem apropriado a seus fins. Assim tambem a Europa, essa parte do Globo em que certamente a civilisação mais cedo começara sua grande obra, marchando com passos largos para essa desejada perfeição, tem enviado ao resto do mundo os resultados de seu adiantamento e de sua illustração: Bem que verdade seja, que, entre as muitas cousas de perfeita utilidade, debaixo de muitas relações nos tenham vindo tambem verdadeiras superfluidades, e sem lado algum de vantagem, cumpre, todavia, que sejamos imparcial, para fazer justiça ao que justamente merecer.

Que da civilisação tão avançada da Europa tem vindo ahe nós os fructos de tão fecunda arvore, he

innegavel; que á ella devemos a rapida progressão, que haveinos feito em todos os conhecimentos humanos, está tambem fóra de duvida; que tem sido o berço dos grandes inventos, o theatro de milhares de descobertas importantes, não he mister proval-o, e nem tomamos sobre nós o trabalho de as ennumerar; porem, d'entre tantas invenções, que o genio infatigavel d'esses homens que não conhecem o trabalho, quando visão huma celebridade, cabe-nos agora tocar sómente em huma; tal he a do — *Microscopio Solar*. — Este instrumento, que já ha tempos a Europa o possui, foi ultimamente trazido á esta cidade por hum homem, que, despido de vistas de lucro, deste lucro sórdido que tanto influencia sobre a maior parte dos inventores, por circumstancias dependentes de seus proprios negocios, forçado fóra a usar d'esse instrumento, como de meio licito de passar a vida, durante a sua demora neste paiz, e que em vez de apregoar-se como hum charlatão, em vez de cantar as maravilhas de seu instrumento, em pomposos annuncios, contentou-se com o fazer conhecer, deixando para fazer sua apologia á aquelles que o vissem. O — *Microscopio Solar* — pois, he hum dos instrumentos de Optica, que a nosso ver, tem locado o ultimo grão de perfeição; possuindo huma força extraordinaria em suas lentes; este delicado e perfeitissimo instrumento, chega a augmentar os objectos que mostra, nove milhões de vezes mais das naturaes dimensões, deixando ver ao mesmo tempo, com toda a clareza,

e exactidão, todas as cores e partes de que cada objecto se compõe. Quam maravilhoso não he o espectáculo de ver hum pequeno extremo da penna de hum beija-flor, elevado á grandeza de hum grosso ramo de coqueiro, onde se vê o contraste d'essas brilhantes cores, que tanta belleza dão á esse pequeno volátil! Quanto he digno de admirar-se as dimensões prodigiosas, que dá á pequena pulga, que submettida á acção d'este instrumento, ganha o tamanho de hum elephante! Oh! ao vermos sensivelmente os phenomenos da cristalização de alguns saes, phenomenos que, alem de muito lindos, são summamente uteis de conhecer-se: ao percebermos em huma pequena gotta d'agoa, huma prodigiosa quantidade de animaes, que, nadando no liquido são muitos d'elles pastos da voracidade de outros mais fortes e maiores; e muitas outras cousas curiosas, entrámos em considerações mais sizudas sobre a natureza, reflectindo, que seria mister retificar ácerca dos conhecimentos do corpo humano, muitas, ou quasi todas as idéas, que se tem sobre a textura dos órgãos, ao mesmo tempo, que sobre a composição de seos fluidos, muitos dos quaes contenhão talvez em si alguma cousa mais do que se tem dito. Então a utilidade d'este instrumento se torrou para nós de primeira intuição; e por isso damos-nos pressa em convidar aos nossos jovens patricios, que se applicão aos estudos das sciencias naturaes, a que vão vêr em grande, aquillo que seos olhos desarmados não poderião mostrar; que vão assim verificar a mór parte das idéas, que tem recebido sobre a structura, fôrma e côr de certos animaes, em summa, que, submettendo-o a diversas partes de qualquer corpo, cuja construcção desejem conhecer, tenham idéas exactas e verdadeiras sobre sua organização.

Não nos parece fora de appello, que dirijamos ao Sabio Presidente da Instrucção publica, o Exm. Sr. Ministro do Imperio, algumas palavras, a fim de que S. Ex., que bem conhece as sciencias, tome em consideração a utilidade que pode provir á mocidade que se dedica ás sciencias naturaes, da acquisição de hum igual instrumento, cuja falta he sensivel nas nossas Escolas, huma das quaes, a de Medicina, ha bem poucos dias, que, por deligencias do Sr. Dr. José Mauricio Nunes Garcia, possui hum sofrivel — *Microscopio Occular*, tão indispensavel para os estudos.

Senhor, V. Ex. conhece quanto são difficeis de comprehender a maior parte dos phenomenos organicos, e quanto são fracos os meios ordinarios para isso; V. Ex. sabe quão util seria, si, na Eschola de Medicina, onde se ensina a conhecer os órgãos do homem, seos fluidos, sua intima organização, &c., houvesse hum instrumento, que, com a força d'este, pudesse engrandecer tanto os objectos. Senhor, seguramente os alumnos terião idéas exactas sobre a structura intima dos órgãos, onde com seos mesmos sentidos, apreciarião o que lhes dizem os livros; onde poderião conhecer esses globulos do sangue, sua fôrma exacta, suas proporções, a maneira de seo movimento; e si,

nor ventura, circulação com elle, du-  
 rante suas alterações, alguns outros  
 corpos; onde essa mocidade, que  
 tanto talento e applicação tem mos-  
 trado, poderia examinar todos os  
 segredos da organização, e aperfei-  
 çoar-se na difficultosa parte dos  
 conhecimentos medicos — a Ana-  
 tomia. V. Ex. conhece perfeita-  
 mente que a Chimica lucraria bas-  
 tante, examinando alguns de seos  
 phenomenos, por meio d'esse im-  
 portante instrumento; que a Bota-  
 nica melhor explicaria a organização  
 dos vegates, e alguns dos pheno-  
 menos physiologicos d'elles, se os  
 submettesse por suas diversas par-  
 tes á acção das fortes lentes do  
*Microscopio Solar*; que em vez de  
 matar-se o Lente de historia natu-  
 ral do Collegio Imperial, em fazer  
 explicações sobre estampas que mal  
 dão huma limitadissima idéa dos  
 objectos, sendo-lhe sempre preciso  
 substituir com descrições o que  
 as estampas não deixão compre-  
 hender, melhor seria, que, com o  
 auxilio d'aquelle instrumento, ou  
 ao menos de hum bom — *Micros-  
 copio Occular* — vissem os alum-  
 nos em ponto grande os diver-  
 sos assumptos sobre que versa a  
 historia natural, *maxime* como se  
 ensina no Collegio de Pedro II.;  
 assim, Snr., V. Ex. daria a maior  
 prova do amor que consagra á  
 instrução dos nossos patricios, fa-  
 zendo a aquisição de hum igual  
 instrumento, com o qual muito  
 poderia melhorar o ensino dos  
 pontos mais difficeis das sciencias  
 naturaes. Possão estas nossas pala-  
 vras chamar a attenção de V. Ex.,  
 que, como amigo da mocidade que  
 busca instruir-se, estamos certo

que não se poupará á despesas,  
 por fortes que sejam.

Agora que temos dito o que sen-  
 timos sobre a utilidade do *Micros-  
 copio Solar*, cumpre-nos lastimar,  
 que o Governo de S. M. forçasse  
 a hum homem, que aqui viera  
 para indemnisar-se dos capitaes  
 que empregara em huma negocia-  
 ção que por ordens do Governo  
 antabolára, o engajamento de  
 colonos para a Bahia, lastima-  
 mos, dizemos nós, que o Governo  
 por tanto tempo haja demorado a  
 indemnisação de seos capitaes, for-  
 çando-o deste geito a que tanto se  
 tenha demorado nesta côrte, e que  
 obrigado fosse a lançar mão de  
 hum instrumento, que lhe serviria  
 de mero divertimento, para d'elle  
 utilizar e poder subsistir, quando o  
 poderia fazer sem se expor aos sar-  
 casmos e tiros da maledicencia.  
 Isto sentimos, tanto mais, quanto  
 este Sr. tem o titulo de Brasileiro,  
 por isso que se naturalison, e que  
 por suas delicadas maneiras, e  
 modo de tratar, nos parece pessoa  
 sizuda, e digna de mais alguma  
 consideração.

Parece-nos bom, que o Governo  
 de S. M., sancionando como deve  
 os contratos de seu Encarregado  
 em Roma, não destrua com tantas  
 duvidas, e delongas, a fé, e consi-  
 deração, que devem merecer os  
 seus agentes, e faça em breve jus-  
 tiça a esse Brasileiro indemnisau-  
 do-o de suas despesas, para que  
 volte á Europa a occupar seu an-  
 tigo lugar, onde pode mais com-  
 moda e decentemente passar do  
 que aqui, sem sofrer por mais  
 tempo tão grande numero de pri-  
 vações, quando todos reconhe-

cem o direito e justiça de sua causa, como se nos tem informado. Deve, além disto, ponderar o Governo, que em objectos desta natureza, que podem comprometter o credito do paiz, e transtornar as colonisações que se busca promover, he preciso ter vistas politicas hum pouco mais amplas, e não olhar tão miudamente para as coisas, satisfazendo caprichos de quem, por *conveniencia propria*, só trata de cevar-se em mesquinhas intrigas.

Escrever com imparcialidade he o dever de todo o escriptor; seguio porem esta conducta o Redactor do Homem do Povo, quando censurou os despachos feitos pelo Exm. Sr. Jacinto Roque? De certo que não.

Fallou em muitos promovidos; mas porque motivo poupou o Sr. Pimentel, que ainda ha dois annos era Major, e hoje se acha Coronel? Este Sr. não sahio desta corte; commanda hum corpo, que não tem soldados: quaes são por tanto os serviços, que o fizerão merecedor de preterir officiaes, que andão a braços com os Rebeldes? E porque não o mencionou o Homem do Povo, quando censurou a promoção de alguns, que ao menos alguns serviços fizerão? Porque razão o Homem do Povo não fallaria no hoje capitão tenente Raphael Lopes Anjo, que foi promovido pela tomada da Laguna, apesar de não ter sahido de Santa Catharina, e nada mais fazer do que servir de ordenança ao General Andréa?

Faça o obsequio, Sr. Redactor, de dirigir pela sua folha estas pergun-

linhas ao Homem do Povo, pelo que lhe ficará muito obrigado hum dos que foi por elle

*Massado.*

Se grandes forão os sustos, que a noticia do primeiro incommodo de saude de S. M. I. produzio nos habitantes desta Capital; ainda maiores elles tem sido depois que Boleíns, assignados pelo Sr. Dr. Luiz Carlos da Fonseca, intimo amigo do Exm. Sr. Regente, e hoje Medico de S. M. o Imperador, nos annunciárao que o mesmo Augusto Senhor se achava novamente enfermo! Quem poderá exprimir os pezares, os pensamentos, e os receios, que a repetição de taes incommodos tem feito nascer? Se huns, para minorar seos sustos, só procurão ver na repetição da molestia a adopção de hum meio, tendente a provar a Maioridade de S. M. I.; outros.....

Grande Deos! Compadecei-vos do Brasil!... Vellai, vellai sobre os dias do seo Augusto Imperador, e d'elle afastai a taça, que lançou sua virtuosa Mãe na sepultura!...

✓ *Ilm. Sr. Carlos Carneiro de Campos.* — Tive a satisfação de ler no *Noticiador* de 9 de Fevereiro do corrente anno o eloquente e patriótico discurso de V. S. á cerca da Guarda Nacional. Há muito que sympatiso com V. S. pelas suas maneiras, pelo seo profundo saber, pela sua gravidade e mesmo, pela nobreza do seu sangue; mas não tinha bastante certeza se V. S. pensava sobre aquella materia do mesmo modo, que os nossos amigos Gonsalves Martins, Calmon, Rami-

ro, e Cassiano; agora pelo seu discurso fico certo dos seus nobres sentimentos, e que estamos inteiramente de accordo. Já V. S. terá visto huma carta minha inserta no n. 12 da *Ortiga*, que deo lugar á huma guerra desastrada, que tenho soffrido desde que ella appareceo até agora; mas graças á V. S. começo á respirar, e espero que continue á alentarme com os seus discursos e sempre no mesmo sentido. Eu havia ditto nessa carta que não sabia com quem nos queria ligar a *Liga Americana*; se pretendia ligarnos com os negros e botocudos, e com as fezes da população, que V. S. chama mui bem *homens de baixa extracção*; e afugentar os Europeos, de quem descendemos, de quem recebemos educação, costumes, religião e tudo, que nós somos, para ficarmos dominados pela cafaria. Mal apparece esta carta, meu caro amigo e Sr., eis que salta sobre mim hum Sr. João Fernandes, e a Liga que me puzerão á pão e laranja! Chamarão-me intrigante, desprezível; disserão que eu promovia a divisão dos cidadãos, que erão todos o mesmo; invocarão os manes dos Camarões, e dos Henriques Dias, e outras antigualhas destas, do tempo, que ainda se cria em Deos, e se suppunha que os homens descendião todos de Adam, como nos conta esse romance de gosto aziatico, que tanto servio para mortificar nossos antepassados, que tiverão a simplicidade de crêr em taes petas, e de nos impingir por exemplo que Deos criou o homem á sua imagem e semelhança, como que Deos fosse ao mesmo tempo semelhante á hum negro, e á hum branco

e á hum canarim, e á hum caboclo, e ainda mais á hum mulato ou cabra. Ora não se dá maior peta! Veja V. S. se quem sabe hum pouco de historia natural, crê cá em Escripturas sagradas e outras frioleiras destas! Se fosse possivel resuscitar a Mãe Eva, e lhe apresentassem esta cambada por seus filhos, como se não arripiaria ella de vêr, como em ninhada de caxorros, huns pretos, outros brancos, outros vermelhos, outros côr de azeitona? Meo Deos, exclamaria ella, os filhos que tive de Adam, erão todos vermelhos como eu e elle; meus netos erão todos iguaes, d'onde vem semelhante gente, que me dão por filhos? Ora, meu amigo, vivão os paizes, onde cada cidade tem sua religião diferente, e principalmente os que creem nos Evâgelhos, que lhes fazem conta; vivão os Estados-Unidos, e particularmente o Sul!

Mas, como ia dizendo, os taes meos Senhores rebatterão-me e disserão que havião de se ligar com negros, mulatos, cabras, caboclos, menos commigo, por pensar com os nossos amigos e agora com V. S.; e que me fosse eu ligar com os chifoneiros de Paris e Lazonis da Italia. Alem destes senhores, hum exercito de gente desta, que não tem a franqueza de V. S., se mortificarão muito das minhas defezas, e punhão-me pela rua da amargura, mesmo na Quaresma, tempo de recolhimento, de paz da consciencia, de dôr e arrependimento de seus peccados: já quazi succumbido debaixo do peso de sua potencia; veio V. S. dar-me a mão, e ajudar-me, quando já me julgava perdido e sem alento! Como me satisfiz V. S. com estas res-

peitaveis, e memorandas palavras!  
*» O povo brasileiro he aristocratico, e consequentemente he necessario afastar suas tendencias»* vedando (atenção, Sr. João Fernandes, atenção!) que homens de baixa extracção, e de cores diversas possam aspirar aos empregos do Estado. Estes Estadistas de meia cara, cuja leitura não passa de huma ou outra gazeta, querem cá nos impingir a martello ideias extravagantes, impolíticas, e mesmo immoraes! Que quer dizer por exemplo achar-me eu ou V. S. em huma camara assentados com o filho da nossa escrava, que sahida hontem do bacalhão, amanhã vai ser amasia de hum vendelhão, que lhe tira das ilhargas meia duzia de sujeitos, que podião ainda ser nossos escravos; e lá porque apanhou hum Diploma de Dr., ou herdou meia duzia de contos de réis, vem-se alampardando, mettendo-se com a gente e com a constituição bem decorada, citando-nos artigos, paragraphos, titulos, e capitulos, como que nós tenhamos, como elles, a simplicidade de crêr em constituição? Patetas, toleirões! Constituição!... Constituição de hum paiz são os seus costumes, usos, e habitos; e estes he que regem.

Continue, meo caro amigo, á rebatter esses Srs. que fazem corte a gente de côr, como disse na camara dos Deputados, o anno passado, o Sr. Francisco Gomes de Campos, que he tambem nosso amigo, e homem de mão cheia, como V. S.; batta esses anarchistas, que querem inverter a natureza, e transtornar tudo, e justifique o seu amigo

*Americus.*

—Ganhei! ganhei, Sr Redactor,

*os trinta contos de reis, promettidos pela sua picaante Ortiga a quem descobrisse o logar proprio em que deve ser collocado o monumento do Cavalleiro do laço, mandado bustejar no armazem do azeite, no campo de Sant'Anna, n'esse mesmo armazem em que, em Abril de 1851, esteve preso o Mello da Policia, por arrancar o laço nacional ao estudante do collegio do Padre Marcelino! Oh, que descoberta! Vai se não quando eu ia ver Mr. Bernabó gymnasticar no Côrro de S. Christovão, passo pela rua de S. Diogo, páro, olho para a valla, pasmo, e grito com a voz de Stentor: brabo! brabo! Eis o monumento da habilitade, da illustração, e da economia da sabia Camara Municipal, desempenhado pelo seu honrado Administrador. He aqui, aqui, unicamente, nesta sumptuosa valla da rua de S. Diogo, que he o logar proprio em que deve ser collocada a memorial memoria do memorando bem conhecido e memoravel Administrador! Assim, ó illustrissima Camara, ficará este teo feito servindo de pasmo ao Nacional e ao Estrangeiro, que admirados dirão:—*

Vendo tal obra, da ignorancia filha:

*» Eis do universo a oitava maravilha! »*

**RASGO DE BRASILEIRISMO.**

O ex-Commandante do Batalhão do Sacramento mandou offerecer ao digno Brasileiro o Sr. Barbosa Guimaraens, no dia 24 de Março, o fardamento —empenhado— da Musica, para que o Batalhão não soffresse falta. S. S. respondeo, segeitando a offerta, que ao seu Batalhão nada faltaria em quanto elle o Commandasse. Dizem agora huns que o fardamento vai para o theatro, outros que para o Belchior, e alguns que para o Rio Grande, de presente aos rebeldes. Viva o Sr. Guimaraens, que ja apresentou sua musica com fardamento novo, e de bom gosto, no dia 7 d'Abril.